

Bergson, a vida e o cinema

Márcio Sales
Agosto de 2020

A produção filosófica de Henri Bergson (1859-1941) coincide com o nascimento do cinema. *Matéria e memória* é de 1896, *A evolução criadora* de 1907 e *O pensamento e o movente* de 1934, para citar apenas algumas. Embora não tenha feito do cinema um objeto de estudo, ele faz uma aproximação entre a nossa experiência de pensamento e a sétima arte. Suas análises apontam para uma certa ilusão promovida pelo mecanismo cinematográfico. No entanto, passeando livremente por suas páginas, identificamos vários aspectos da nossa existência que se articulam com o próprio movimento do cinema. Destacaremos sete aspectos, tecendo algumas considerações sobre a relação entre o cinema e a vida, a partir de um uso do pensamento de Bergson.

O corpo

“Meu corpo é, no conjunto do mundo material, uma imagem que atua como as outras imagens, recebendo e devolvendo movimento” (MM: p. 14)

“O corpo não é mais que um lugar de encontro entre as excitações recebidas e os movimentos efetuados” (MM: p. 203)

O corpo é a fonte das nossas sensações, emoções e ações. Tudo passa pelo corpo, tudo acontece através do corpo. Somos um corpo lançado no mundo. Quando assistimos um filme estamos diante dele de corpo inteiro. Assumimos uma posição para recepcioná-lo, direcionamos o nosso olhar para a tela e somos embalados pela sua sonoridade. O corpo reage diante das cenas. Treme, pulsa, relaxa, se comprime. Em alguns momentos até se aperta na poltrona. Os sentidos, os afetos, as ações se expressam no encontro com o cinema. E o corpo carrega consigo as marcas do filme. Como se uma nova pele se formasse acrescentando um novo tom. Uma película que se sobrepõe à pele existente, formando uma nova camada de experiência. O cinema mexe com o nosso corpo da ponta à cabeça.

O tempo

“A vida psicológica, tal como se desenrola por sob os símbolos que a recobrem, percebe-se sem dificuldade que o tempo é o tecido mesmo de que ela é feita” (EC: p. 4)

“O Tempo é imediatamente dado. Isso nos basta e, na espera de que nos demonstrem a sua inexistência ou sua perversidade, simplesmente constataremos que há jorro efetivo de novidade imprevisível” (PM: p. 120)

O cinema nos permite entrar em diferentes dimensões temporais. Cada filme possui uma escala de tempo que lhe é própria. Um filme pode ser uma extensão do tempo ou a sua contração. É possível que um filme de duas horas retrate um período de 10 minutos ou de 10 anos. Pode ser um filme sobre uma vida inteira. Ou um filme sobre um longo período histórico: sobre a idade média, sobre o renascimento, sobre a revolução francesa. O cinema é um recorte do tempo, uma arrumação do tempo ou uma reinvenção do tempo.

Ele não se sujeita ao tempo cronológico. Em Bergson também encontramos uma nova imagem do tempo. O tempo da matéria, mas também o tempo do espírito. O tempo atual e o tempo virtual. O instante e a duração. Para Bergson o passado é real e se atualiza na nossa memória. Ele faz parte de nós e nos acompanha ao longo da nossa existência. O tempo é o acúmulo das nossas experiências. E através da memória podemos resgatar as imagens das experiências vividas e atribuir a elas um novo sentido. É o que acontece, por exemplo, no sonho. O sonho é produzido pelo nosso inconsciente a partir das nossas vivências. O inconsciente compõe imagens utilizando como matéria prima os acontecimentos vividos. É como se fosse um filme que dá margem para extrair daí novos sentidos. E o sonho embaralha o tempo. Ele constrói as imagens a partir de diferentes épocas e contextos. Ele salta para fora do tempo e institui o seu próprio tempo. O inconsciente é uma máquina que produz essas imagens oníricas que são as imagens refletidas no sonho. Sendo assim, as imagens são partes de nós e operam como uma espécie de resgate do passado. Mas se por um lado o tempo passado nos acompanha através dos sonhos, por outro ele pode ser resgatado conscientemente pela lembrança. Basta eu querer me lembrar da minha infância, ou de um fato específico vivido na infância, que esta imagem se acende na minha memória. Talvez não com o mesmo colorido, com as mesmas características, com os mesmos detalhes, mas com certeza com a mesma intensidade ou mais. Portanto imagens involuntárias e outras tantas voluntárias nos colocam permanentemente no intercâmbio entre o passado e o presente.

O espaço

“A percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo” (MM: p. 29)

“A verdade é que o espaço não está mais fora de nós do que em nós, e que ele não pertence a um grupo privilegiado de sensações. Todas as sensações participam da extensão” (MM: p. 254)

O cinema ocupa um espaço. A sala, a tela, a poltrona. Um espaço e uma atmosfera. Ver um filme no cinema não é a mesma coisa que ver um filme em casa. São espaços diferentes que possibilitam experiências diferentes. No cinema o escuro, o silêncio, a tela grande, o som imponente. Na sala de casa possíveis interferências ou interrupções. Claro que é possível fazer da sala de casa uma sala de cinema. E também que o cinema está sujeito a tantos quantos imprevistos. Mas de um modo geral são dois espaços distintos. É como se o cinema envolvesse um ritual que exige do espectador uma preparação e uma certa postura. Quando as luzes se apagam toda atenção se volta para a tela. Há no cinema uma dupla captura. O espectador é capturado pelas imagens enquanto captura, devora, degusta a história. Mas o espaço está presente também no filme. Todo filme acontece num certo espaço, seja real ou cenográfico. Um espaço concreto e real e um outro espaço imagético ou virtual. Um filme possui um primeiro plano, que salta aos olhos, mas também um plano de fundo que compõe a fotografia e faz parte do cenário e da história. O filme acontece no espaço quadrado da tela a partir de um trabalho criterioso de enquadramento, que envolve jogo de câmeras, foco, close etc. E há ainda o espaço criado pela nossa imaginação a partir das imagens recolhidas da tela. Esse espaço também imaginário faz parte de um olhar criativo do espectador que extrapola as imagens do filme. Neste sentido, nos tornamos codiretores produzindo novos fluxos de imagens recheadas de sentidos. Portanto, o espaço físico, da sala, o espaço objetivo, da câmera e da tela, e o espaço imaginário, da criação de sentidos a partir das imagens e afetos

recebidos. Bergson pensa essa nossa relação com o espaço, com a matéria. O corpo lançado no mundo. Mas essa relação física, corpórea é acompanhada por aquilo que Bergson chama de espírito, e que os estóicos chamavam de incorporais. É o universo da criação de sentidos. O espaço físico desdobrado no espaço virtual da imaginação, da lembrança e do pensamento. Mesmo Bergson insistindo na diferença de natureza entre o tempo e o espaço, e que a memória diz respeito à duração, portanto ao tempo, ele não cessa de estabelecer a ligação entre ambos. O corpo e a mente, a matéria e o espírito, o presente e a memória, o atual e o virtual, o físico e o espiritual.

A imagem

“Só temos dois meios de expressão, o conceito e a imagem” (PM: p. 138)

“A imagem é escolhida para fazer parte de minha percepção, enquanto uma infinidade de outras imagens permanece excluída” (MM: p. 40)

Cada indivíduo vivencia o mundo exterior através da percepção. Como diria Caetano: “a tua presença entra pelos sete buracos da minha cabeça”. Faz parte da experiência do ser vivo, e do ser humano em particular, o uso dessa faculdade que é a percepção. Nós percebemos o mundo. Temos essa capacidade de perceber o que está a nossa volta. Mas o ato de perceber é também o ato de escolher. Ao entrarmos em contato com as imagens que o mundo nos oferece, produzimos instantaneamente um enquadramento. Direcionamos o nosso olhar, por exemplo, e fazemos um recorte. Uma limitação da percepção mas também um gesto de escolha. Não podemos perceber tudo ao mesmo tempo e assim vemos o que nos chama a atenção, o que nos interessa, o que salta aos olhos. Vemos o que podemos e o que queremos ver. Percepção das imagens e seleção das imagens. O giro do olhar e o olhar focado. O olho focaliza assim como a câmera do cinegrafista produz o foco. Ver demais, ouvir demais, sentir demais seria algo insuportável. É preciso o recorte, o enquadramento, a seleção das imagens para que o mundo tenha sentido. É o empreendimento do cineasta que manipula as imagens recolhidas pela câmera e através da montagem, do casamento da imagem e do som, da arrumação artística e técnica, constrói uma história, cria um sentido, fabrica um mundo.

A memória

“A memória sob estas duas formas, enquanto recobre com uma camada de lembranças um fundo de percepção imediata, e também enquanto contrai uma multiplicidade de momentos, constitui a principal contribuição da consciência individual na percepção, o lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas” (MM: p. 31)

O cinema se utiliza da memória pelo menos de duas maneiras. Primeiro porque o cinema é um exercício de memória. Ele atualiza na tela os acontecimentos, vividos ou inventados. Um filme pode ser a narrativa de uma história, a adaptação de um livro ou mesmo uma ideia criada pelo cineasta. De qualquer maneira há sempre uma transposição do passado que requer esse exercício da memória e que suscita uma série de outras lembranças. Podemos pegar como exemplo aqui *O encouraçado Potemkin*, de Eisenstein, que é um filme de 1925, que ao assistirmos entramos numa espécie de túnel do tempo, tanto em relação à história apresentada como também em relação ao próprio cinema, já que o filme possui uma estética bem peculiar e bem diferente do cinema contemporâneo. Além disso, o próprio filme é um resgate de um acontecimento real, de um fato histórico ocorrido em

1905, portanto, uma atualização no presente de um tempo vivido. No caso do espectador dos dias de hoje, ocorre um duplo desdobramento da memória, que é entrar em contato com um filme de uma outra época e experimentar o cinema daquela geração, e ainda se voltar para um fato histórico narrado pelo filme. A memória está viva no cinema tal como em nossa existência. Somos feitos de memória. Somos o acúmulo da nossa própria memória que vai se estendendo, se ampliando a cada dia. Cada dia que passa temos um dia a mais de experiências vividas. A memória portanto é o passado que vai se ampliando e se acumulando como um cone. para utilizar uma imagem de Bergson, cujo vértice é o presente e a base é o passado que não para de crescer. Segundo Bergson, a memória é ativada a todo momento, através da lembrança, em função das nossas necessidades, interesses e ações. A memória está ali, é parte de nós que é atualizada e potencializada na lembrança, contribuindo para a nossa convivência, adaptação e criação. No próprio encontro com o cinema lançamos mão da nossa memória. Ao assistirmos um filme, lembramos de cenas da nossa própria vida, lembramos da atuação dos atores em outros filmes, lembramos de outros filmes do mesmo diretor. Há todo um jogo de memória atuante no cinema e no filme das nossas vidas.

O pensamento

“Nossa inteligência, no sentido estrito da palavra, está destinada a assegurar a inserção perfeita de nosso corpo em seu meio, a representar-se as relações entre as coisas exteriores, enfim, a pensar a matéria” (EC: introdução, IX)

O pensamento está presente no cinema e pensamos através do cinema. Um filme provoca o nosso pensamento, nos faz pensar, nos coloca diante de novas ideias ou de ideias já existentes vistas a partir de outros ângulos. Neste sentido, o cinema é um campo de problematização da existência, da realidade, do mundo em que vivemos. Não que todo filme tenha a intenção de despertar o pensamento ou uma proposta de analisar uma temática específica. Há filmes de todos os gêneros e tipos. Mas o pensamento está inevitavelmente entre o filme e o espectador. É possível que o pensamento seja transportado e potencializado para além do próprio filme. Muitas vezes saímos da sala de cinema mergulhados numa espécie de transe, com as ideias borbulhando na cabeça, com dúvidas e questionamentos acerca do filme e da vida. Quantas vezes estendemos o assunto do filme por horas ou até mesmo dias e meses. Às vezes somos tomados por um silêncio reflexivo em torno de certas imagens contempladas na tela. Um filme, portanto, pode ser ele mesmo uma expressão do pensamento, pode levar a pensar provocando o pensamento, ou ainda oferecer elementos para o exercício do pensamento. Pensar, fazer pensar e dá o que pensar. O pensamento é um elemento fundamental da nossa existência. Somos seres pensantes. Conhecemos e problematizamos o mundo através do pensamento. Orientamos nossas escolhas e ações através do pensamento. Conduzimos o nosso próprio modo de ser e de viver através do pensamento.

O devir

“Nossa personalidade, que se edifica a cada instante a partir da experiência acumulada, muda incessantemente” (EC: p. 6)

“Quando meus olhos me dão a sensação de um movimento, esta sensação é uma realidade, e algo se passa efetivamente, seja que um objeto se desloque ante meus olhos, seja que meus olhos se movam diante do objeto” (MM: p. 229)

“A bem dizer, não há nunca imobilidade verdadeira, se entendemos com isso uma ausência de movimento. O movimento é a própria realidade” (PM: p. 165)

Devir é movimento, ação, mudança, transição, passagem de um estado a outro. E o cinema é a arte das imagens em movimento. As imagens no cinema possuem ritmos, intensidades, gradientes, velocidades que traduzem a experiência do devir. Movimentos variados que atingem o espectador também de diferentes maneiras. Dependendo do ritmo e intensidade do filme saímos do cinema relaxados ou tensos, alegres ou tristes, falantes ou calados. O devir presente no filme afeta o nosso próprio devir. Podemos utilizar como exemplo a cena do filme *A paixão de Joana d’Arc*, de Carl Theodor Dreyer, um filme francês de 1928, na hora do suplício na fogueira, em que o rosto de Joana d’Arc aparece em destaque durante um bom tempo e ela movimentada apenas os olhos. Que imagem extraordinária. Ela nos captura com o seu olhar. Um simples movimento das pálpebras cheio de vida e de força. O devir que nos torna outros tão logo saímos da cena. Potência de transformação que nos faz lembrar que não estamos condenados a permanecermos os mesmos ou aceitarmos as mesmas condições de existência. Potência de resistência e de criação. Estamos mergulhados nesse estado de devir. Nada permanece o mesmo. Tudo é movimento.

O cinema é um ponto de encontro e de síntese de outras expressões artísticas. A poesia, a pintura, a música, a dança, o teatro, a literatura se fazem presentes no cinema, mas transformados pela própria conjugação. O mesmo se pode dizer da vida, sentida e pensada com o cinema e através dele. Pensamentos, sentidos, sentimentos, intuições, lembranças, ações entram em cena na experiência com o cinema e fazem parte da tela da existência.